



**Judith Barry construiu dois filmes que, apresentados em ecrãs em ângulo, constroem uma viagem sobre dois imaginários, o filmico e o plástico**

## Exposições

### 55000 filmes e mais algumas imagens

Judith Barry apresenta uma instalação sobre o imaginário pessoal e colectivo construído pelo cinema.

*Luísa Soares de Oliveira*

*All the light that's ours to see*  
Judith Barry



LISBOA. Lumiar Cité. Rua Tomás del Negro, 8A.  
De 4º a domingo, das 15h às 19h. Até 22 de Novembro.

Judith Barry (n. 1954) esteve associada à emergência da instalação como disciplina artística autónoma a partir da década de 90. Tem uma vasta e reconhecida obra, tendo já participado nas bienais de Veneza, São Paulo, Berlim e na Documenta, para apenas mencionar as mais importantes instâncias do género. Passou por Portugal várias vezes, sendo que em 2010 a grande exposição antológica da sua obra esteve no Museu Coleção Berardo. Trabalha com vídeo e fotografia; mas o seu trabalho inclui sempre a

elaboração de dispositivos de exposição integradores, como é o caso agora, e uma cenografia elaborada que não deixa ao acaso a reacção que se pretende obter do espectador. Em Lisboa, trabalhou exaustivamente o design do espaço da galeria, numa colaboração com o arquitecto Ken Saylor.

*All the light that's ours to see*, a obra que traz agora ao Lumiar Cité, não foge a esta regra. E, contudo, tratando-se de uma peça sobre o universo das imagens que nos envolvem, acentua de modo particularmente feliz e eficaz a tomada de consciência, por parte do espectador, dos modos de produção daquilo que vemos e, mais ainda, daquilo que, sendo imagem, não esquecemos. A peça parte de um *fait-divers*: em Nova Iorque, a cadeia de lojas de aluguel de vídeo Mondo Kim faliu há uns anos, consequência normal da crise de 2008. O proprietário, possuidor de uma colecção de 55.000 títulos, começou a procurar um local para os arquivar e conservar na totalidade. A escolha acabou por recair na pequena cidade siciliana de Salemi, uma bonita vila de traça medieval habitada desde o século VI, e que foi em 1968 arrasada por um terramoto. Hoje, Salemi possui um arquivo de boa parte da filmografia jamais produzida. Feitas as contas, seriam precisos 11 anos de projecções ininterruptas, dia e noite, para a visionar na totalidade.

Com base nesta história, Judith Barry construiu dois filmes que, apresentados em ecrãs em ângulo,

constroem uma viagem sobre dois imaginários, o filmico e o plástico, apropriando-se de processos constitutivos da linguagem cinematográfica inventados por alguns dos primeiros realizadores da história do cinema. Como nas primeiras obras de Griffith, Vertov, Lang, Murnau e outros, para apenas falar dos antepassados mais ilustres, vamos assistindo à actualização dos recursos técnicos e de filmagem que foram sendo inventados nesses primeiros anos do cinema. Barry, contudo, acrescenta-lhes uma multiplicidade de citações que constituem seguramente uma convocação de uma iconografia privada e emotiva da história da sétima arte. Desde Tilda Swinton, descobrindo-se alter-sexuada, embora sempre a mesma pessoa, no *Orlando* de Sally Potter; das primeiras experiências da imagem em movimento feitas por Eadweard Muybridge, ainda no século XIX; ou ao grito de “Marcelo!” lançado por Anita Ekberg na fonte de Trevi, em Roma, ou ainda à câmara que, em filme de animação, encerra *O homem da câmara de filmar* de Dziga Vertov, o que Barry nos dá a ver é a multiplicidade de imagens em movimento que condicionam o nosso modo de ver e perceber o mundo.

O facto de estarmos em Itália, berço mítico do nascimento da arte moderna, possibilita à artista combinar um percurso filmado pelas ruínas de Salemi e a convocação de artistas plásticos de quem se sente particularmente

próxima — Caravaggio, sem dúvida, porque alguém lhe chamou em tempos um pintor cinematográfico, mas também toda a escultura barroca e maneirista que lhe interessa. Hoje pouco importa saber ou não a origem de cada imagem que nos capta a atenção; será talvez mais importante e certo perceber que, tal como nesta obra de Judith Barry, todo esse património integra a cultura pública e privada de cada um. Mais interessante ainda, é constatar a origem popular dos arquivos de imagens filmadas que os vídeo-clubes consistiam até ao advento do *video on-demand*; e a sua consequência lógica, a saber, que também hoje as imagens que vemos nos museus e nos palácios italianos estão todas elas à distância de um clique, de uma pesquisa Google, de uma reprodução em magnete de frigorífico. Tudo é parte do mesmo, seja em Itália, seja na Nova Iorque do senhor Kim.